

## GT06: Antropologia da Escrita

Paulo Augusto Franco, Julian Simões

Nesse GT pretendemos fomentar a discussão crítica acerca dos regimes, práticas e usos da escrita sob o ponto de vista da antropologia e nas suas interseções com a história e os estudos literários e culturais. Assumimos a escrita como objeto e ferramenta do conhecimento, crucial para as relações sociais e central na formação e transmissão destes. Nós a concebemos como práticas - coisas que as pessoas produzem e fazem - que abrigam e expressam marcas, vozes, significados e intenções - presenças e ausências/silêncios- das pessoas que as produzem e manuseiam, no passado e no presente. A perspectiva que propomos terá em conta uma diversidade de práticas de escrita em discussões que endereçam problemas em perspectiva interseccional e em diferentes escalas: (a) as relações entre escrita e fontes de pesquisas na história; (b) entre escrita e autoria/autoridade acadêmica, etnográfica e literária; (c) os registros e arquivamentos pessoais e familiares, escritas cotidianas, as escritas de si e as (auto)biografias (cartas, diários, bilhetes, notas, blogs); (d) memórias, esquecimentos e identidades (e) os documentos escritos do Estado e da burocracia; (f) a escrita médica dos prontuários, códigos e classificações; (g) a escrita jurídica e a produção de sujeitos e seus direitos; (h) os regimes denominados linguagem simples e acessível; (i) as relações entre escrita, tecnologia e ambientes digitais, entre outras formas de escrita que produzem e reproduzem sujeitos e relações.

### **Travestilizar o heroísmo: metáforas bélicas, adoecimento e luto na escrita da biografia de Fernanda Benvenutty**

**Autoria:** Lux Ferreira Lima

O presente trabalho se propõe a refletir sobre uma recorrência narrativa no processo de escuta da história de vida da carnavalesca, parteira e militante travesti Fernanda Benvenutty, e de sua tradução em texto escrito por mim e minha orientadora Silvana Nascimento desde 2016: metáforas bélicas utilizadas por Fernanda para atribuir sentido à descoberta de um tumor maligno e à experiência de tratamento médico. Também tem como objetivo pensar sobre o lugar de tais metáforas após seu falecimento, e em meio à imperatividade de conclusão do projeto biográfico em face do luto e da ausência de sua idealizadora. Parte de minha pesquisa de doutorado, que se debruça em perspectiva comparada sobre a trajetória de redes de produção de conhecimento produzidas por auto/biografias elaboradas ou idealizadas por pessoas trans e publicadas no Brasil e nos Estados Unidos, nesta proposta me concentro na descrição de uma empreitada coletiva e sucessiva de inscrições que foi a articulação entre expressão oral elaborada por Fernanda sobre a própria vida e a sua passagem para o papel - bem como na interrupção brusca de tal empreitada, e na impensabilidade de sua retomada diante da morte de Fernanda em 2020. Valendo-me da autoetnografia, de pesquisa documental e de teoria antropológica acerca da morte, bem como de referências interdisciplinares sobre metáforas de adoecimento, oralitura e modelos narrativos atravessados por gênero, promovo uma reflexão em diálogo com epistemologias transfeministas que permitiu converter uma dissonância tradutória, um ruído de comunicação, em forma possível de escrita da vida, ainda que atravessada pelo sofrimento da perda. Argumento que a recusa da ausência, do esquecimento, e do protagonismo da morte na memorialização pública de Fernanda fazem parte de uma política mais ampla e sistemática de recusa de modelos representacionais da travestilidade racializada. Tal desenrolar da experiência de luto levou a um redimensionamento não só do papel da escrita biográfica como também do processo de reconfiguração narrativa da imagem de Fernanda, de sentidos de presença e ausência, e de sua interpelação que convidava à inscrição e fissura de imaginários.

[Trabalho completo](#)

### 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

#### Realização:



#### Apoio:



#### Organização:

